

# CPI de Maus-Tratos ouve professor da Unicamp



Deputados na reunião da Comissão Parlamentar de Inquérito

LARISSA LEÃO

FOTO: CAROL JACOB

A Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que investiga maus tratos contra animais recebeu o professor do Instituto de Biologia da **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)**, Wagner José Fávaro. A reunião foi realizada nesta quarta-feira (13/12) no Auditório Teotônio Vilela.

O presidente da CPI, deputado Feliciano Filho (PSC), questionou o professor sobre quais são os métodos utilizados na universidade para os quais não há possibilidade de substituição. Fávaro, que também é presidente da Comissão de Ética da **Unicamp**, elencou quatro procedimentos: drenagem de tórax, suturas de alças intestinais, controle de sangramento de vasos e janela cardíaca.

Ele explicou que os alunos do 4º e do 6º ano do curso de medicina utilizam animais como material para aprendizado nesses casos. “Desde 2016, os cursos não-médicos e de pós-graduação não utilizam mais animais”, disse. Ele afirmou ser contra o uso, “porém, em algumas atividades não há alternativas validadas que comprovem a eficácia para aplicação do método substitutivo”.

Questionado sobre a espécie dos animais, Fávaro disse que os porcos e os coelhos são usados para os procedimentos de ensino. Já os roedores são utilizados na área de pesquisa.

A deputada Célia Leão (PSDB) perguntou se os cuidados com os animais seguiam a lei. Em resposta, o professor disse que os alunos são supervisionados e há um profissional da área

veterinária que acompanha os procedimentos. Além disso, afirmou que a universidade segue a Lei Arouca (Lei Federal 11.794/2008), que regulamenta a utilização científica de animais.

A médica cardiologista da Faculdade de Medicina do ABC (FMABC), Odete Miranda, relatou que a instituição não usa animais para fins didáticos há dez anos. “Nós usamos bonecos e cadáveres quimicamente preservados para a realização de cirurgias”, disse. Odete explicou que o material recebe uma injeção pressurizada de líquido vermelho, de modo a simular hemorragias durante o treinamento de procedimentos cirúrgicos. Os cadáveres são obtidos por meio de parcerias com centros clínicos veterinários; os proprietários dos animais mortos assinam um termo de

doação para a faculdade. Ela afirmou que a adoção do método não reduziu a qualidade do ensino. “Nós temos nota 5 no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Nacionais (Enade).”

Fávaro declarou que não tinha conhecimento do que foi apresentado pela médica e que visitará a faculdade para conhecer o método. “Veremos se é possível aplicar na nossa instituição. Ressalto a importância dessa troca de experiências entre universidades, fundamental para avançarmos”, disse. Ele defende o uso de alternativas: “o que pudermos substituir validando os métodos alternativos para que os alunos estudem de forma fiel ao que enfrentarão futuramente, nós faremos”, disse.

Segundo o deputado Sebastião Santos (PRB), no passado as pessoas não defendiam a causa

animal como atualmente. “Hoje, as pessoas se sensibilizam. Esse método utilizado pela FMABC deveria ser divulgado para que as pessoas tenham conhecimento.”

O deputado Feliciano Filho destacou que as informações coletadas na CPI entrarão no relatório final que, em seguida, será encaminhado para o Ministério Público.

Na próxima reunião da CPI será discutido o tráfico de animais silvestres.

“É um crime ambiental e de maus tratos, pois os animais são transportados em malas e muitas vezes morrem”, criticou o presidente da CPI. O encontro será na próxima terça-feira (19/12), às 11h.

Estiveram presentes, além dos citados, os deputados Gil Lancaster (DEM), Roberto Tripoli (PV) e Pedro Kaká (PODE).